



DIÁLOGOS E PRÁTICAS ARQUEOLÓGICAS

*Eduardo Kazuo Tamanaha
Márcio Amaral
Mariana Franco Cassino
Cunha Lima
Eduardo Góes Neves
Laura Pereira Furquim
Márjorie Lima
Maurício André Silva
Jaqueline Gomes
Sílvia Carla Gibertoni Carneiro*

DIÁLOGOS E PRÁTICAS ARQUEOLÓGICAS

Eduardo Kazuo Tamanaha

Márcio Amaral

Mariana Franco Cassino

Cunha Lima

Eduardo Góes Neves

Laura Pereira Furquim

Márjorie Lima

Maurício André Silva

Jaqueline Gomes

Silvia Carla Gibertoni Carneiro

INTRODUÇÃO

Identificar sítios arqueológicos na Amazônia é uma tarefa bastante simples. Basta procurar pelos assentamentos humanos atuais – casas isoladas, pequenas comunidades, vilas ou cidades – para, provavelmente, poder identificar também os vestígios de ocupações antigas nesses mesmos locais. A dinâmica arqueológica dos sítios amazônicos segue seu curso, e a história de ocupação do local continua sendo construída pelos ribeirinhos, que mantêm ainda hoje muitos hábitos dos seus antecessores – caçando, pescando, abrindo os roçados, manejando árvores e cuidando de seus quintais.

Os motivos que levam os atuais moradores a escolherem seus locais para viver, provavelmente se assemelham às motivações passadas. Áreas de encontro de rios e proximidades dos lagos – pela facilidade geográfica que oferecem para a locomoção na área, dependente dos cursos hídricos, e pelo potencial pesqueiro –, foram e continuam a ser locais recorrentemente procurados. Ao mesmo tempo, essas populações constantemente se aproveitam de transformações feitas pelos antigos na paisagem. As chamadas “capoeira de índio”, ou florestas antrópicas, geralmente são áreas onde crescem plantas frutíferas que fornecem alimento aos moradores, atraem a caça, e até mesmo a pesca, no caso das matas inundáveis de igapó. Áreas com a chamada “Terra Preta de

Índio” (TPI), resultantes de ocupações de longa duração em períodos pré-coloniais, são igualmente atraentes por sua fertilidade. De maneira geral, portanto, é possível compreender os processos regionais de ocupação humana como uma combinação da persistência demonstrada através de algumas escolhas com a constante adequação a uma paisagem em transformação.

Nossa habilidade no sentido de conceber analiticamente as coisas-atraves-do-tempo, ou a cultura-atraves-do-tempo, depende, em última estância de questões acerca de questões sobre visibilidade – o que, sobre o passado, podemos concretamente visualizar no presente. (HECKENBERGER, 2001, p. 23).

Com um caráter interdisciplinar, a arqueologia na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (RDSA) busca investigar a história das populações humanas na Amazônia segundo o modo como estas se apropriaram, transformaram e representaram a paisagem. A pesquisa adota uma linha de trabalho que integra estudos sobre as mudanças ambientais, padrões de assentamento e a chamada cultura material, especialmente aqueles relacionados aos ambientes alagáveis e a ambientes circunvizinhos ou associados. Investiga, ainda, a variabilidade decorrente da relação entre ambientes alagáveis e de terra firme com seus artefatos, além da expansão e da

movimentação das sociedades. Finalmente, a partir de uma abordagem etnográfica, também são enfocadas as formas de transmissão e de compartilhamento do conhecimento adquirido nesse processo de interação dos pesquisadores com as comunidades locais, que convivem com o patrimônio arqueológico e, muitas vezes, se envolvem nas pesquisas arqueológicas.

A Ecologia das Antigas Sociedades

A relação dos antigos grupos humanos com o ambiente amazônico vem sendo discutida há décadas pela arqueologia amazônica, incorporando diversas disciplinas. (BARLOW *et al.*, 2012; CLEMENT e JUNQUEIRA, 2010; DENEVAN, 1992; HECKENBERGER *et al.*, 2003; NEVES, 2013). As hipóteses em torno dessa discussão, a grosso modo, se dividiram em dois blocos: pequenos grupos, com alto grau de mobilidade e baixo impacto sobre o meio ambiente (MEGGERS, 1954, 1976); e grupos maiores, com ocupações mais duradouras em uma mesma área, e cujas atividades de subsistência provocaram modificações de grande escala na natureza, tanto na fertilidade dos solos quanto na biodiversidade da floresta (HECKENBERGER, 2008; ROOSEVELT, 2014; NEVES, 2013; CLEMENT *et al.*, 2015; LEVIS *et al.*, 2017). Segundo o modelo de Meggers (1976), influenciado pelos conceitos da “cultura de floresta tropical”, de Steward (1948) e Lowie (1948), o bioma amazônico não poderia sustentar sociedades hierarquizadas e sedentárias, devido à disposição esparsa dos recursos e à dificuldade de obtenção dos mesmos. Em contrapartida, outros arqueólogos (LATHRAP, 1970; BROCHADO, 1989; LATHRAP e OLIVER, 1987; DENEVAN, 1996) consideram que a agricultura de várzea e o acesso à proteína aquática permitiriam um grande adensamento demográfico, sustentando sociedades com alto desenvolvimento cultural.

Embora com algumas especificidades, ambas as hipóteses questionam a ideia de um ambiente amazônico “natural” e o colocam no centro de uma discussão sobre antropização, que continuamente transforma esse ambiente. Os solos de Terra Preta de Índio (TPI), encontrados em toda a Amazônia, são um exemplo icônico dessas transfor-

mações. Ainda não está claro o quanto de sua produção foi intencional ou não, mas o fenômeno é interpretado como marcador cronológico, cultural e social, indicando o aumento da densidade demográfica e o estabelecimento de assentamentos sedentários na Amazônia, que começam a ocorrer por volta do primeiro milênio AC¹ AC e têm seu ápice por volta do século V DC (PETERSEN, NEVES e HECKENBERGER, 2001; ARROYO-KALIN, 2010). Tais solos apresentam coloração escura, considerável índice de matéria orgânica, pH elevado, teores elevados de cálcio, magnésio e fósforo (LEHMANN *et al.*, 2003; FALCÃO *et al.*, 2008), mostrando-se altamente férteis, com grande biodiversidade florística (FRASER, JUNQUEIRA, CLEMENT, 2011; LINS *et al.*, 2015).

Mais recentemente, algumas pesquisas têm focado as transformações humanas ao longo da história da floresta amazônica. Os dados indicam a existência de florestas antropogênicas com alta densidade e variedade de plantas úteis, introduzidas por práticas agroflorestais (SHEPARD e RAMIREZ, 2011; BALÉE, 2010; JUNQUEIRA *et al.*, 2010; POLITIS, 1996). Essas pesquisas, baseadas principalmente em ecologia e pedologia, propuseram a ocorrência de grandes populações sedentárias que manejavam o meio ambiente para sua subsistência, deixando uma assinatura nas plantas e nos solos que permanecem na Amazônia até hoje. No entanto, ainda não está claro quando essas modificações ocorreram (e.g. período da borracha ou período pré-colonial), qual sua relação com os sítios arqueológicos (PIPERNO, MCMICHAEL e BUSH, 2015) e a área de abrangência desse impacto humano (MCMICHAEL *et al.*, 2012).

A escala de impacto humano no ambiente amazônico e as formas de subsistência das populações indígenas ainda abrem muitas questões a serem esclarecidas, e constituem assuntos centrais para se compreender a Amazônia no passado e no presente. Encontra-se, portanto, diante de um bioma com alta diversidade biológica (AB’SÁBER, 2003), onde diferentes estratégias de ocupação e manejo ambiental podem ter sido utilizadas conforme o período e a região. Nesse sentido, as pesquisas em escala regional são úteis para identificar padrões localizados e com uma cronologia bem definida.

¹ AC = Antes de Cristo; DC = Depois de Cristo

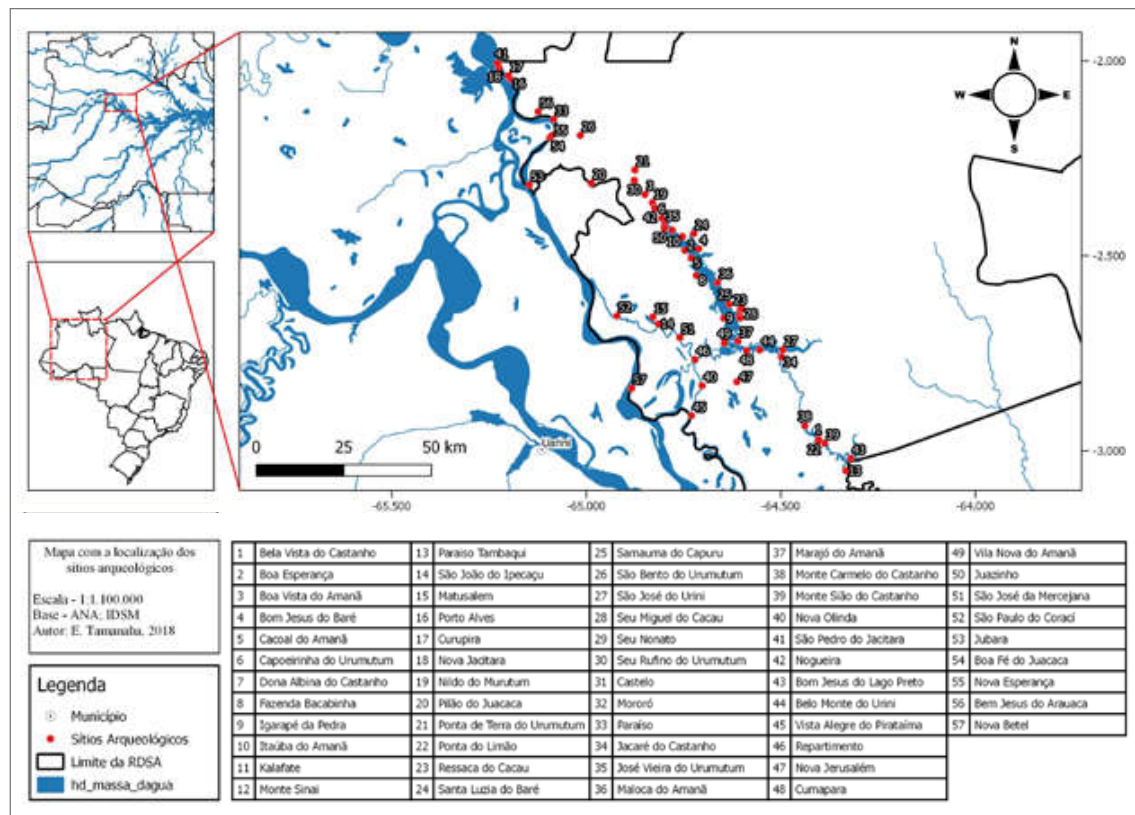
Arqueologia na RDSA

As pesquisas arqueológicas sistemáticas, tanto no âmbito acadêmico quanto nas ações de licenciamento ambiental, têm sido desenvolvidas durante os últimos 20 anos na Amazônia Central (médio Solimões e confluência dos rios Solimões e Negro), resultando em centenas de sítios arqueológicos identificados. Os levantamentos indicam a presença de sítios arqueológicos de diversas composições e naturezas, tais como, sítios líticos (só com artefatos de pedra), localizados em áreas de campinarana, sítios cerâmicos multicomponenciais (que apresentam vestígios de diferentes períodos de ocupação humana), unicomponenciais (com vestígios de uma única ocupação) e sítios históricos (com vestígios da colonização europeia). Essa macrorregião apresenta uma grande variabilidade cultural derivada de grupos com padrões culturais distintos que ali se desenvolveram ao longo do tempo. Esse quadro, em grande medida, se dá pela abrangência do Projeto Amazônia Central (PAC) (NEVES, 2013).

As antigas ocupações humanas no entorno do médio rio Solimões e baixo rio Japurá – área onde se localiza a RDSA – estão intrinsecamente conectadas ao contexto de toda a bacia do rio Solimões. Existem inúmeros levantamentos, gerais e pontuais, na região do baixo rio Solimões e na sua confluência com o rio Negro que possibilitaram configurar um mosaico regional através da observação das cronologias das ocupações, das modificações na paisagem dos sítios (estruturas artificiais e TPI), de análises arqueométricas e paleobotânicas, dos modos de sepultar os mortos, entre outros aspectos (NEVES, 2013; TAMANAHA, 2012; PY-DANIEL, 2009, LIMA, 2008; MACHADO, 2005). Por outro lado, devido ao tamanho dessa região, o médio Solimões ainda está em estágio inicial em se tratando do desenvolvimento de pesquisas, em alguns casos com a identificação de sítios e o estabelecimento de cronologias através de vestígios cerâmicos, ósseos e botânicos. Até o momento, as pesquisas foram desenvolvidas nas proximidades da cidade de Tefé e na RDSA (FERIZ, 1962; HILBERT, 1968; COSTA, 2012; SHOCK *et al.*, 2014; GOMES, 2015; BELLETTI, 2015; TAMANAHA *et al.*, 2015). Somente na RDSA são conhecidos 40 sítios arqueológicos distribuídos por áreas comunitárias, assentamentos recentemente abandonados e roçados dos atuais moradores. Apesar desse número ser significativo, a previsão é de que ele aumente consideravelmente com a implementação de novos projetos de pesquisa (ver Figura 22).

Em 2001, introduziram-se as primeiras pesquisas arqueológicas na RDSA, pela demanda local dos moradores da comunidade de Boa Esperança (Figura 23), que, naquele momento, anteviam o potencial dos artefatos encontrados no solo para explorar atividades de turismo na localidade. Da mesma maneira, eles expressavam a preocupação com a integridade das peças descobertas ao longo de toda a superfície do solo da comunidade, devido a ameaças naturais e antrópicas a que estavam expostas (SHEPARD, 2001 apud GOMES, 2015). Nesse mesmo ano, uma equipe composta por pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais e da Universidade de São Paulo, do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM) e de moradores da RDSA fizeram um rápido levantamento de sítios arqueológicos, realizando coletas superficiais de vestígios cerâmicos, o que resultou na identificação de quatro sítios: Marajó do Amanã, Bom Jesus do Baré, Boa Esperança e Kalafate. Todos atualmente localizados nas terras das atuais comunidades do lago Amanã (LIMA *et al.*, 2006).

Figura 22 - Localização dos sítios arqueológicos da RDSA.



Fonte: IDSM/Plano de Manejo RDSA, 2015
Baseado em Costa (2012) e Gomes (2015).

O levantamento não interventivo realizado no lago Amanã, entre os anos de 2006 e 2008, resultou na identificação e no cadastramento de 32 sítios arqueológicos e três coleções particulares. Posteriormente, tais coleções foram organizadas e exibidas na rádio comunitária “A Voz da Selva”, (COSTA, 2012).

A avaliação da relevância dos sítios foi feita com base nos fatores que impactam os vestígios arqueológicos. Os principais impactos naturais são a erosão fluvial e pluvial a que estão expostos os vestígios, causando a destruição de muitos. Além desse fator, o clima tropical quente e úmido dificulta a conservação de vestígios orgânicos. Outros fatores associados a atividades diárias dos moradores, como a construção de casas, aterros, poços artesanais, lixeiras, a limpeza dos terrenos e o trânsito de pessoas também têm alterado os sítios arqueológicos. Essa metodologia permitiu selecionar os sítios prioritários para proceder as etapas de intervenção. Até o momento, são registrados seis: Boa Esperança, Bom Jesus do Baré, Cacoal do Amanã, Kalafate, Monte Sinai e São Miguel do Cacoal.

Boa Esperança é um sítio de 15 hectares que pode ser dividido em dois setores. O primeiro

Figura 23 - Escavação de urnas funerárias por moradores do Boa Esperança - 2001.



Fonte: Shepard, 2001.

é composto por dezenas de vasilhames intactos aflorando na superfície do solo, possivelmente associados a um complexo funerário. Esse setor, que vem sofrendo severos impactos, acompanha a margem do igarapé Boa Esperança e do lago Amanã, seguindo o formato linear da comunidade. O segundo setor consiste numa mancha de terra preta localizada nas áreas de pomar, no fundo das casas. Esta constitui a maior parte do sítio, mas em razão do aumento do número de residências tornou-se menos visível do que no momento de sua identificação. Aparentemente, essa distinção espacial do sítio se deve a momentos diferentes de ocupação, mas ainda não se sabe se e como esses grupos interagiram entre si.

O sítio **Cacoal do Amanã**, embora não abrigue atualmente nenhuma comunidade, vinha sofrendo impacto devido à criação de gado bovino no local. O mapeamento concluiu que sua área é de 6 hectares, sendo classificado como sítio unicomponencial. A análise cerâmica suscitou questões sobre a interação entre habitantes das diferentes ocupações, em razão da presença de traços decorativos híbridos e de ausência de mudanças significativas nas técnicas de manufatura da cerâmica.

São Miguel do Cacau possui uma área de pouco mais de três hectares. Nele, é pos-

sível observar uma organização do espaço semelhante à encontrada no sítio de Boa Esperança, com a concentração das peças nas proximidades da margem do lago e com um bloco de terra preta situado no centro do terreno. Embora a presença de vestígios nesta área parece ser significativa, estes não estão aflorando à superfície. Assim como no sítio Cacoal do Amanã, foi possível identificar interações culturais entre duas culturas cerâmicas diferentes, sendo encontrado material de uma cultura (Fase Tefé) dentro de urna funerária de outra (Fase Caiambé). Adiante, se discute mais detidamente os significados das diferentes fases² cerâmicas.

No sítio **Bom Jesus do Baré** constatou-se a ausência de TPI, apesar do número considerável de fragmentos e vasilhas aflorando no solo. Não se sabe exatamente se a ausência de TPI decorre do fato de se tratar de um sítio cemitério ou se a curta ocupação do terreno não teria permitido a formação de um solo mais escuro. Outra possibilidade é que a dinâmica fluvial do lago, que encharca o solo quase por completo nas cheias, impede a formação da terra preta.

Até o momento, somente quatro sítios arqueológicos tiveram seus contextos datados por radiocarbono (Tabela 2), mostrando, simultaneamente, diferentes períodos de ocupação e contemporaneidade em outros.

Tabela 2 - Datação dos sítios arqueológicos na RDSA.

Sítio Arqueológico	Data Convencional AP *	Data Calibrada -2 sigmas (AC/DC)	Referências
Boa Esperança	3.320 ± 30	1.680 AC – 1520 AC	Costa, 2012
Boa Esperança	2.800 ± 30	1.010 AC – 900 AC	Costa, 2012
Boa Esperança	2.690 ± 30	900 AC – 800 AC	Costa, 2012
Boa Esperança	2.500 ± 40	790 AC – 490 AC	Costa, 2012
Boa Esperança	2.410 ± 40	750 AC – 690 AC	Costa, 2012
Boa Esperança	1.520 ± 30	440 DC – 490 DC	Costa, 2012
Boa Esperança	1.220 ± 30	690 DC – 750 DC	Costa, 2012
Boa Esperança	1.080 ± 30	890 DC – 1.020 DC	Costa, 2012
Bom Jesus do Baré	1.560 ± 30	464 DC – 631 DC	Gomes, 2015
Cacoal	1.270 ± 30	670 DC – 780 DC	Gomes, 2015
São Miguel do Cacau	2.700 ± 30	895 AC – 793 AC	Gomes, 2015
São Miguel do Cacau	1.240 ± 30	926 DC – 924 DC	Gomes, 2015
São Miguel do Cacau	990 ± 30	1.025 DC – 1.159 DC	Gomes, 2015

Fonte: Costa (2012); Gomes (2015).

*AP – Antes do presente, considerando-se como “presente” o ano de 1950.

² Classificação arqueológica dos vestígios cerâmicos a partir de atributos estilísticos.

O sítio **Kalafate** possui um contexto semelhante ao de Bom Jesus do Baré. Na área mais próxima à margem do lago é possível observar grande número de fragmentos cerâmicos e vasilhas na superfície. No entanto, o grau de preservação do sítio é baixo, estando restrito a uma área de 0,2 hectares.

O sítio **Monte Sinai** possui uma área de 2,2 hectares, com pacote arqueológico formado por pequenas quantidades de cerâmica e terra mulata, caracterizado por um solo antropogênico mais claro que a terra preta, provavelmente associado a atividades de plantio no passado. Dos sítios escavados que possuem vasilhas estruturadas ou parcialmente estruturadas, observa-se diversas questões de interesse. De maneira geral, a pergunta-base dirige-se à existência de áreas (sítios) específicas para enterrar os mortos - onde as vasilhas são urnas funerárias ou artefatos que acompanham os sepultamentos -, sua frequência ao longo do lago Amanã e sua variabilidade. Dos sítios estudados, o Bom Jesus do Baré tem um contexto diferenciado e leva à especulação sobre se haveria uma área específica para os sepultamentos (COSTA *et al.*, 2012). Se esse for o caso, há aí a manutenção de alguns espaços sociais. Segundo os autores, além do Bom Jesus do Baré, também foram identificados sepultamentos em urnas no sítio de São Miguel do Cacau (COSTA *et al.*, 2012). Outros questionamentos mais específicos sobre a forma de sepultar, sobre a cronologia desses episódios e sobre a existência conjunta de vestígios associados a cemitérios podem revelar aspectos de como esses antepassados viveram, embora os dados a esse respeito ainda sejam lacunares.

Com esse quadro, as pesquisas se concentraram na identificação e caracterização dos sítios arqueológicos da região. Do ponto de vista teórico, as informações produzidas desencadearam discussões relevantes sobre os processos pré-coloniais de ocupação humana, sobretudo no que se refere à sua antiguidade, variabilidade cultural e modos como esses diferentes grupos interagem, bem como em termos de ocupação dos lugares e forma de materialização dessas relações.

A Longa e Contínua História de Ocupação da RDSA

Resumindo-se, os vestígios arqueológicos mais antigos evidenciados nessa região estão

associados à cerâmica da Fase Amanã, identificada durante escavações realizadas no sítio Boa Esperança, na RDSA, datada entre 1.610 AC e 930 AC (COSTA, 2012). Cerâmicas da Fase Amanã estavam depositadas em um buraco (feição) associado à ocupação posterior (Fase Pocó). A interpretação para esse enterramento sugere indícios da formação do que Barreto (2013) chamou de “bolsão de memória”, um processo simbólico de enterrar qualquer evidência de antigos ocupantes a fim de garantir o seu esquecimento ou a sua invisibilidade para os novos ocupantes (COSTA, 2012).

Ao final do primeiro milênio AC, há evidências das primeiras ocupações cerâmicas associadas à TPI, conhecida como cerâmica Pocó, e que está na base de vários sítios arqueológicos encontrados no baixo e médio Solimões. Nesse momento, existem evidências visíveis e intensas de alterações antrópicas da paisagem, tendo como correlato o início da formação da terra preta, entre 300 AC - 360 DC, no baixo Solimões, e entre 830 AC - 410 AC para o lago Amanã. Essa cerâmica é caracterizada por decorações pintadas e plásticas, flanges³ labiais e mesiais e uso do cauixi e caraiapé como antiplástico (NEVES, 2013). A cerâmica Pocó pode ser encontrada nas bacias dos rios Negro, Japurá/Caquetá, Branco, Amazonas, Trombetas e Tapajós, sendo possível correlações com as cerâmicas Saladóides da bacia do rio Orinoco, nas Guianas. Sua ampla dispersão pelas principais bacias amazônicas, associada ao início da formação da terra preta, indica um modo de vida já mais sedentário e um possível desenvolvimento da agricultura, fatores que alguns autores interpretam como correlato material da expansão dos grupos falantes de língua Arawak (NEVES *et al.*, 2014; HORNBERG, 2005; HECKENBERGER, 2002). De toda forma, as cerâmicas das Fases Amanã e Pocó marcam apropriações diferentes dos espaços em relação às ocupações pré-coloniais posteriores, e no caso particular da Fase Pocó, dos hábitos de vida dessas populações.

Nos séculos seguintes, observa-se uma intensificação na formação das terras pretas, associadas aos estilos regionais vistos nas cerâmicas. No médio Solimões esse período foi denominado arqueologicamente como Fase Caiambé (HILBERT, 1968; GOMES, 2015).

Definida por Hilbert (1968), a Fase Caiambé está vinculada à Tradição Borda Incisa (TBI), que tem manifestações desde o baixo Amazonas até a região do médio Orinoco

³ Extensões externadas da borda (flange labial) ou do corpo da vasilha (flange mesial), formando uma pequena superfície horizontal na peça.

(MEGGERS e EVANS, 1961). As cerâmicas da Fase Caiambé (Figura 24) têm algumas características gerais daquelas associadas à TBI, como a presença de apliques modelados zoomorfos e antropomorfos, decoração incisa com motivos retilíneos, pintura e engobo⁴ vermelho e a presença de flanges labiais. Suas particularidades residem na presença de policromia (pintura preta e vermelha sob engobo branco), aplicação do cauíxi com caraipé e o constante uso de incisões duplas nas decorações plásticas (HILBERT, 1968; GOMES, 2015). Além disso, não há uma marcada ruptura entre a formação dos depósitos Caiambé e a formação dos depósitos associados à Fase Tefé, típica da Tradição Policroma da Amazônia (TPA). Muitas vezes, os elementos dessas cerâmicas se combinam nos sítios do médio Solimões (lago Tefé), demonstrando que o processo de convivência entre os grupos que as produziram baseou-se na manutenção de relações amistosas.

Os depósitos da cerâmica Caiambé estão associados a grandes extensões de terra preta, urnas funerárias globulares com carenas⁵ próximas das bordas e locais específicos para os seus enterramentos. Embora o tema abranja momentos significativos da história humana pré-colonial, com exceção dos trabalhos de Hilbert, até o momento, existem apenas três pesquisas sobre ocupações (COSTA, 2012; GOMES, 2015; BELLETTI, 2015) identificando, no lago Amanã, alguns sítios arqueológicos sem terra preta, e com dezenas de bojos superiores aflorando à superfície (COSTA, 2012). As datações disponíveis indicam um período de ocupação que começa em 600 DC e se prolonga até 1.000 DC.

O período que antecede a chegada dos europeus na Amazônia é marcado pela Fase Tefé, associada à Tradição Policroma da Amazônia (TPA). É importante ressaltar que sítios com cerâmicas da Tradição Policroma têm uma ampla distribuição pela Amazônia e podem ser encontrados desde o alto rio Napo, no sopé dos Andes equatorianos e no baixo rio Ucayali, no Peru, até a ilha de Marajó, na foz do Amazonas. Os vestígios cerâmicos – principalmente as peças produzidas na Amazônia central e ocidental – guardam uma grande padronização formal e estilística, que permite fácil identificação, mesmo pertencendo

Figura 24 - Fragmento de urna funerária da Fase Caiambé encontrado no sítio de Boa Esperança.



Fonte: Fidelix, 2015.

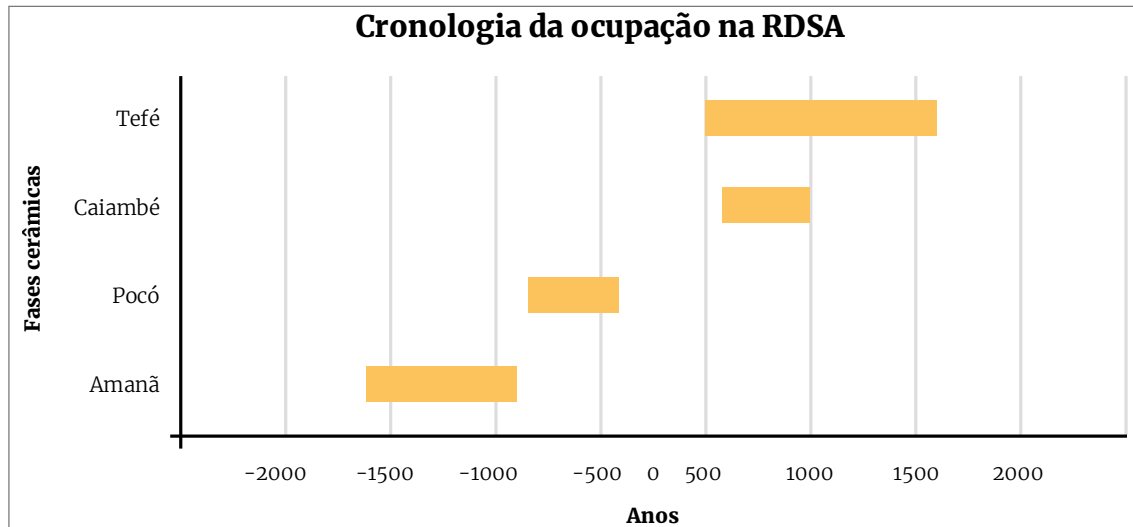
a sítios distantes entre si alguns milhares de quilômetros (BOOMERT, 2004; ALMEIDA e NEVES, 2014; TAMANAHA e NEVES, 2014; BELLETTI, 2015).

A Fase Tefé também foi definida por Hilbert (1968), podendo ser caracterizada pela presença de aspectos como: policromia (pintura vermelha, preta e amarela sobre engobo branco), flanges mesiais, rolete reforçado nos lábios, decoração plástica acanalada e sepultamentos em urnas antropomorfos (COSTA, 2012; NEVES, 2013; OLIVEIRA, 2016). Sua ocupação está associada à última camada dos sítios arqueológicos multicomponentiais. Em contextos unicomponentiais, é representada por uma camada de até 50 cm de profundidade, com presença de terra preta. As datações indicam um período entre 500 DC e o período colonial (século XVII) (COSTA, 2012; BELLETTI, 2015).

⁴ Técnica decorativa utilizada na superfície da cerâmica que consiste na aplicação de uma fina camada de argila colorida (vermelho, branco, laranja, etc.), formando uma película com aspecto mais liso e uniforme. Normalmente é utilizado com base para aplicação de outras pinturas (e.g.: engobo branco por baixo e pinturas vermelhas por cima).

⁵ Porção angular no contorno do corpo de uma vasilha cerâmica, que forma um ponto de inflexão, podendo ocorrer uma ou mais vezes em uma mesma peça.

Figura 25– Gráfico de ocupação das quatro fases cerâmicas identificadas na RDSA, representadas em AC e DC.



Fonte: Tamanaha, 2015.

As sociedades que produziram a cerâmica Tefé foram as últimas a ocupar o médio Solimões e, provavelmente, as mesmas que entraram em contato com os primeiros colonizadores europeus, no século XVI DC. As descrições realizadas por esses exploradores e viajantes demonstram que todo o curso do médio Solimões era habitado por diferentes povos de línguas distintas (HEMMING, 2007), que praticavam um intenso comércio, assim como a guerra entre os povos, tanto entre vizinhos como com populações mais distantes. Essas redes de interação interétnicas foram desestruturadas após o longo período de contato com os europeus, criando-se uma nova dinâmica social e política na bacia amazônica (VIDAL, 2000). As doenças trazidas pelos europeus e a caça aos escravos deixaram um imenso vazio ao longo das margens dos lagos e rios, impactando toda dinâmica política e comercial existente, abrindo espaço para que outros povos ocupassem essas novas áreas, como é o caso dos Tikuna no alto e médio Solimões (OLIVEIRA, 2002). A cronologia de ocupação na RDSA pode ser observada na Figura 25.

Durante os séculos XIX e início do XX, os deslocamentos forçados dos povos indígenas continuaram devido à demanda de mão de obra para os seringais. A exploração das áreas centrais de terra firme, onde alguns povos haviam se refugiado após o primeiro momento da ocupação colonial, resultou em contatos desastrosos. Na segunda metade do século XIX, o aumento da demanda pela borracha intensificou a busca pela mão de obra indígena por parte de seringalistas e caucheiros.

A violência foi usada de maneira recorrente, valendo-se de diversos métodos para garantir o recrutamento e a permanência da mão de obra indígena nas frentes da exploração da borracha (KOCH-GRÜNBERG, 2005 [1909]; TAUSSIG, 1993; WEINSTEIN, 1993). No mesmo período, iniciou-se um processo migratório em larga escala, com levas de camponeses nordestinos se deslocando em direção à Amazônia, sendo, mais tarde, absorvidas pela empresa seringalista, que as submetiam a tratamento similar àquele reservado aos indígenas (OLIVEIRA, 1979).

Relação entre os Atuais Moradores e os Vestígios Arqueológicos

Em toda a Amazônia existem múltiplas formas estabelecidas de relação entre as populações atuais e seus objetos, transformados em vestígios arqueológicos pelas pesquisas (BEZERRA, 2011, 2013, 2014; CARNEIRO, 2014a, 2014b; SILVA, 2015). Para um maior entendimento dessas relações, os objetos arqueológicos devem ser identificados a partir da sua apropriação pelas comunidades, à medida que lhes são atribuídas significâncias no presente. Portanto, ainda é difícil estabelecer uma definição homogênea para o chamado patrimônio, uma vez que esse conceito incorpora múltiplos significados, que podem variar de acordo com as identidades de caráter pessoal ou social. Essas, por sua vez, são identidades cotidianamente construídas e reelaboradas pelos indivíduos e seus grupos sociais.





O sentido plural de patrimônio também diz respeito ao meio no qual se desenrolam as relações humanas, entendido enquanto local criado e transformado a partir de experiências humanas. Portanto, a construção e significação desses lugares é eminentemente antrópica. Os lugares devem ser analisados de uma perspectiva arqueológica, a partir da noção de paisagem patrimonial, sendo paisagem, por definição, um “fenômeno da cultura [...] que reflete a sutileza dos arranjos socioculturais imersa na experiência de viver o lugar de pertencimento ao longo do tempo” (SILVEIRA e BEZERRA, 2007, p. 91). Entende-se que essa noção de pertencimento é uma condição particularmente importante em áreas de proteção ambiental, nas quais, muitas vezes, o sentido espacial é transformado pela própria lógica de proteção, que passa a alterar a permanência e o uso nessas áreas.

Na RDSA, através do diagnóstico patrimonial (BARRETO, 2012), identificou-se algumas situações de desconhecimento dos moradores acerca do significado arqueológico dos sítios e de sua correlação com o patrimônio da União; de não compreensão de formas e ações de preservação *in situ*; além de rejeição com relação ao passado indígena ou à existência de vínculos com os antigos habitantes da região. Esses são os principais fatores que levam ao descaso e/ou destruição do patrimônio arqueológico local. Apesar disso, em todas as comunidades, há moradores interessados nesses vestígios, mesmo que apenas demonstrando sua curiosidade natural pela antiguidade, ou outras vezes, antevendo o valor turístico/econômico que essas peças possam representar. Nesse sentido, são comuns as formulações e representações dos moradores locais acerca dos artefatos encontrados, além de outros tipos de reações e de usos que podem ser suscitados, contribuindo para ampliar os debates patrimoniais e preservacionistas nesse campo.

A título de exemplo, sobre as urnas encontradas em abundância nos terrenos, há uma narrativa local detalhada sobre a forma de sepultamento dos índios que ali viveram, destacando-se a posição de cócoras do corpo, que era acompanhado de objetos ou pratos com farinha. O curioso é que nas análises de arqueologia funerária esta proposição é de certa forma corroborada, já que foram encontrados indícios de sepultamento primário dentro de urnas acompanhadas com pertences dos mortos (COSTA *et al.*, 2012). Dessa maneira, cabe ressaltar a importância das formulações nativas e de que modo devem estas serem consideradas na produção do conhecimento arqueológico (GOMES,

SANTOS e COSTA, 2014).

O modo mais eficaz de abordar as atividades arqueológicas é definindo pesquisas para conhecer **a história do lugar**, ampliando a visão local da arqueologia como área de conhecimento exclusivo da **história dos índios** (GOMES, 2015). Essa abordagem foi corroborada pelo diagnóstico de musealização (BARRETO, 2012). Dessa forma, os trabalhos realizados em áreas reocupadas ao longo do tempo por grupos distintos apontam caminhos desafiadores no que tange às diferentes interpretações dos habitantes locais, instigando o campo da arqueologia a considerar novos olhares e distintas práticas patrimoniais.

Considerações Finais

Ao longo de dois milênios, registros de ocupações humanas pré-coloniais foram encontrados para a região do médio Solimões, habitada por distintas culturas, de diferentes dimensões populacionais. Nesse sentido, conforme exposto ao longo do texto, ainda não está claro de que maneira essas populações interagiram, manejaram, modificaram e transformaram o meio ambiente.

Apesar de todo colapso estrutural que ocorreu com as sociedades ameríndias após a chegada dos europeus, vários aspectos culturais e conhecimentos gerados sobre o bioma amazônico acabaram por ser incorporados e/ou transformados ao longo do tempo pelos novos moradores (europeus, africanos, nordestinos, etc.). No entanto, a produção e reprodução contínua desse conhecimento, que pode ter origens pré-coloniais, representam um conjunto de saberes e práticas situados ambiental e localmente, e denominados genericamente por conhecimentos tradicionais (PERALTA, 2012). Observa-se que muitas dessas práticas, principalmente em seus aspectos florísticos, continuam vivas entre as populações atuais (POLITIS, 1996; CLEMENT *et al.*, 2003).

Não obstante, a relação das comunidades ribeirinhas com os vestígios arqueológicos encontrados é variada, podendo despertar colecionismo, curiosidade, interpretações locais para os contextos arqueológicos, medo de visagens, entre outros (GOMES, SANTOS e COSTA, 2014). Essas distintas relações com os vestígios trazem novos desafios para a prática da arqueologia e, sobretudo, para as estratégias de socialização do patrimônio arqueológico.

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, A. **Os domínios de natureza no Brasil** - Potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editora, 2003.
- ALMEIDA, F. O.; NEVES, E. G. The Polychrome Tradition at the Upper Madeira River. In: ROSTAIN, S. **Antes de Orellana**: Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica. Quito: IFEA, 2014. p. 175-182.
- ARROYO-KALIN, M. The Amazonian Formative: Crop Domestication and Anthropogenic Soils. **Diversity**, n. 2, p. 473-504, 2010.
- BALÉE, W. Contingent diversity on anthropic landscapes. **Diversity**, n. 2, p. 163-181, 2010.
- BARLOW, J. *et al.* How pristine are tropical forests? An ecological perspective on the pre-Columbian human footprint in Amazonia and implications for contemporary conservation. **Biological Conservation**, n. 151, p. 45-49, 2012.
- BARRETO, C. **Musealização dos sítios arqueológicos no lago Amanã, AM. Relatório Diagnóstico e Recomendações.** Relatório técnico apresentado ao IDSM. Tefé: CNPq, 2012.
- _____. **Beyond pots and pans**: ceramic record and context in pre-colonial Amazonia. 78th Annual Meeting of the Society for American Archaeology. Honolulu: SAA, 2013.
- BELLETTI, J. S. **Arqueologia do Lago Tefé e a expansão policroma.** São Paulo: Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2015.
- BEZERRA, Márcia. "As Moedas dos índios": um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, ilha de Marajó, Brasil. **Boletim do Museu Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 6, n. 1, p. 57-70, jan-abr. 2011.
- _____. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: Reflexões a partir da Amazônia. **Revista de Arqueologia Pública**, Campinas: LAP/NEPAM/Unicamp, n. 7, jul. p. 107-122. 2013.
- _____. Arqueologia e [Des]envolvimento: Patrimônio, Contrato e Comunidades Locais na Amazônia. Simpósio Patrimônio. In: ROSTAIN, Stéphen (Ed.). **Antes de Orellana**. Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueologia Amazónica. Instituto Francês de Estudios Andinos, Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Embajada de EEUU, 2014.
- BOOMERT, A. Koriabo and the polychrome tradition: the late-prehistoric era between the Orinoco and Amazon mouths. In: DELPUECH, A.; HOFMAN, C. L. **Late ceramic age societies in the eastern caribbean.** Oxford: Archaeopress, 2004.
- BROCHADO, J. J. P. A expansão dos Tupis e da cerâmica da tradição policrômica da Amazônia. **Dédalo**, São Paulo, v. 9, p. 17-18, 1989.
- CARNEIRO, Carla Gibertoni. Educação Patrimonial e Arqueologia: Alguns Aspectos dessa Interface. **Amazônia. Revista de Antropologia (On line)**, v. 6, n. 2, p. 442-458, 2014a.
- _____. Educação Patrimonial, Educação Patrimonial em Museus e Participação. In: Marília Xavier Cury (coordenação). **Questões indígenas e museus**: enfoque regional para um debate museológico. Brodowski: ACAM Portinari: Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo: São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, p. 88-95, 2014b.
- CLEMENT, C. R. *et al.* The domestication of Amazonia before European conquest. **Proceedings of Royal Society B**, n. 282, p. 1-9, 2015.
- CLEMENT, C. R.; JUNQUEIRA, A. B. Between a pristine myth and an impoverished future. **Biotropica**, n. 42, p. 534-536, 2010.

- CLEMENT, C. R.; MCCANN, J. M.; SMITH, N. J. H. Agrobiodiversity in Amazonia and its relationships with Dark Earths. In: LEHMAN, J. **Amazonian Dark Earths: Origin, Properties, Management**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2003. p. 159-178.
- COSTA, B. L. **Levantamento Arqueológico na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Amanã. Estado do Amazonas**. São Paulo: Mestrado (Dissertação). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2012.
- COSTA, B. L. *et al.* Urnas funerárias no Lago Amanã: Contextos, gestos e processos de conservação. **Amazônica**, Belém, v. 4, n. 1, p. 60-91, 2012.
- DENEVAN, W. **The Pristine Myth: the landscape of the Americas in 1492**. Annals of the Association of American Geographers 82(3) The Americas before and after 1492: Current Geographical Research. [S.l.]: [s.n.], p. 368-385, 1992.
- _____. A Bluff Model of Riverine Settlement in Prehistoric Amazônia. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 86, n. 4, p. 654-681, Dezembro 1996.
- FALCÃO, N. P. S. *et al.* Pedology, Fertility, and Biology of Central Amazonian Dark Earths. In: WOODS, W., *et al.* **Amazonian dark earths: Wim Sombroek's Vision**. Berlin: Springer, 2008. p. 213-228.
- FERIZ, H. The ceramics of Tefé-Amaná: a contribution to the archaeology of the Amazon. **Revista Ethnos**, v. 28, p. 147-176, 1963.
- FRASER, J. A.; JUNQUEIRA, A. B.; CLEMENT, C. R. Homegardens on Amazonian Dark Earths, Non-anthropogenic Upland, and Floodplain Soils along the Brazilian Middle Madeira River Exhibit Diverging Agrobiodiversity. **Economic Botany**, v. 65, n. 1, p. 1-12, Março 2011.
- GOMES, J. **Cronologia e Mudança Cultural na RDS Amanã (Amazonas): um estudo sobre a fase Caiambé da Tradição Borda Incisa**. São Paulo: Dissertação (Mestrado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, USP, 2015.
- GOMES, J.; SANTOS, R. B. C.; COSTA, B. L. Arqueologia Comunitária na Reserva Amanã: História, Alteridade e Patrimônio Arqueológico. **Amazônica, Revista de Antropologia** 6 (2): 385-417, 2014.
- HAUGAASEN, T.; PERES, C. A. Primate assemblage structure in Amazonian flooded and unflooded forests. **American Journal of Primatology**, v. 67, p. 243-258, 2005.
- HECKENBERGER, M. J. Estrutura, História e Transformação: a cultura xinguano na long duree. In: FRANCHETTO, B.; HECKENBERGER, M. J. **Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura**. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 21-62, 2001.
- _____. Rethinking the Arawakan Diaspora: Hierarchy, Regionality, and Amazonian Formative. In: HILL, J.; SANTOS-GRANERO, F. **Comparative Arawakan Histories: Rethinking Language, Family and Culture Area in Amazonia**. Urbana/Chicago: University of Illinois Press, p. 99-122, 2002.
- HECKENBERGER, M. J. *et al.* Amazonia 1492: Pristine Forest or Cultural Parkland? **Science**, n. 301, p. 1710-1714, 2003.
- HECKENBERGER, M. J. *et al.* Pre-Columbian Urbanism, Anthropogenic Landscapes, and the Future of the Amazon. **Science**, n. 29, p. 1214-1217, 2008.
- HEMMING, J. **Ouro Vermelho: A conquista dos índios brasileiros**. São Paulo: EDUSP, 2007.
- HILBERT, P. P. **Archäologische Untersuchungen Am Mittlern Amazonas**. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1968.
- HORNBORG, A. Ethnogenesis, regional integration, and ecology in prehistoric Amazonia. **Current Anthropology**, n. 46, p. 589-620, 2005.
- JUNQUEIRA, A. B.; SHEPARD, G. H.; CLEMENT, C. R. Secondary forests on anthropogenic soils in Brazilian Amazonia conserve agrobiodiversity. **Biodiversity Conservation**, n. 19, p. 1933-1961, 2010.
- KOCH-GRUNBERG, T. **Dois anos entre os Índigenas (1903-1905)**. Manaus: EDUA, 2005.
- LATHRAP, D. W. **The Upper Amazon**. London: Praeger, 1970.

LATHRAP, D.; OLIVER, J. Agüerito: El complejo policromo mas antiguo de America en la confluencia del Apure y el Orinoco (Venezuela). **Interciência**, v. 12, p. 274-289, 1987.

LEHMANN, J. *et al.* Soil fertility and production potential. In: LEHMANN, J., *et al.* **Amazonian Dark Earths: Origin, Properties, Management**. The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2003.

LEVIS, C. *et al.* Persistent effects of pre-Columbian plant domestication on Amazonian forest composition. **Science** (New York, N.Y.), v. 355, p. 925-931, 2017.

LIMA, H. P. **História das Caretas: A Tradição Borda Incisa da Amazônia Central**. São Paulo: Tese (Doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2008.

LIMA, D. *et al.* **Participação comunitária e manejo de recursos arqueológicos em uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável na Amazônia**. Projeto de Pesquisa. Tefé, 2006.

LINS, J. *et al.* Pre-Columbian Floristic Legacies in Modern Homegardens of Central Amazonia. **PLoS ONE**, Oxford, v. 10, n. 6, p. 1-10, 2015.

LOWIE, R. H. The Tropical Forest: An Introduction. In: STEWARD, J. **Handbook of South American Indians**. Washington: Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution, v. III, 1948. p. 1-56.

LYNCH ALFARO, J. W. *et al.* Biogeography of squirrel monkeys (genus *Saimiri*): South-central Amazon origin and rapid pan-Amazonian diversification of a lowland primate. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, v. 82, p. 436-454, 2015.

MACHADO, J. S. **Montículos artificiais na Amazônia Central: Um Estudo de Caso do Sítio Hatahara**. São Paulo: Dissertação (Mestrado) - PPG-MAE/USP, 2005.

MCMICHAEL, C. H. *et al.* Sparse Pre-Columbian Human Habitation in Western Amazonia. **Science**, v. 336, n. 6087, p. 1429-1431, jun. 2012.

MEGGERS, B. Environmental Limitation on the Development of Culture. **American Anthropologist**, n. 56, p. 801-823, 1954.

_____. **Amazônia: A Ilusão de um Paraíso**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

MEGGERS, B; EVANS, C. An Experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest of South America. IN. LOTHROP, S. **Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology**, Cambridge, Mass, Harvard University Press, pp. 372-88, 1961.

MENDES PONTES, A. R.; PAULA, M. D.; MAGNUSSON, W. E. Low Primate Diversity and Abundance in Northern Amazonia and its Implications for Conservation. **Biotropica**, v. 44, p. 834-839, 2012.

NEVES, E. G. **Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central (6.500 AC - 1500 DC)**. São Paulo: Tese de Livre Docência. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2013.

NEVES, E. G *et al.* A tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais visíveis de modificações de paisagens na calha do Amazonas. In: RÓSTAIN, S. **Antes de Orellana: Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica**. Quito: IFEA, 2014. p. 137-158.

NEVES, E. G. **Unknown Amazon. Culture in Nature in Ancient Brazil**. London: British Museum Press, p. 86-107, 2001.

OLIVEIRA, E. **Potes que encantam: estilo e agência na cerâmica policroma da Amazônia Central**. São Paulo: Dissertação (Mestrado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, J. P. O caboclo e o brabo: notas sobre duas modalidades de força de trabalho na expansão da fronteira amazônica no século XIX. **Encontros com a civilização Brasileira**, v. 11, p. 101-140, 1979.

_____. Ação indigenista e utopia milenarista. As múltiplas faces de um processo de territorialização entre os ticunas. In: ALBERT, B.; RAMOS, A. R. **Pacificando o branco: cosmologia do contato no norte-amazônico**. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 2002.

PERALTA, N. **“Toda ação de conservação deve ser aceita pela sociedade”**: manejo participativo em Reserva de Desenvolvimento Sustentável. Belo Horizonte: Tese (Doutorado). Departamento de Sociologia e Antropologia. Faculdade

de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

PEREIRA, M. J. R. *et al.* Structuring of Amazonian bats assemblages: the role of flooding patterns and floodwater nutrient load. **Journal of Animal Ecology**, v. 78, p. 1163–1171, 2009.

PETERSEN, J. B.; NEVES, E. G.; HECKENBERGER, M. J. Gift from the past: terra preta and prehistoric occupation in Amazonia. In: MCEWAN, C. *et al.* Amazonia and the Anthropocene: What was the spatial extent and intensity of human landscape modification in the Amazon Basin at the end of prehistory? **The Holocene**, p. 1–10, 2015.

POLITIS, G. Moving to produce: Nukak mobility and settlement patterns in Amazonia. **World Archaeology**, n. 27, p. 492–211, 1996.

PY-DANIEL, A. R. **Arqueologia da morte no sítio Hatahara durante a fase paredão**. São Paulo: Mestrado (Dissertação). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2009.

ROBINSON, J. G.; REDFORD, K. H. Sustainable harvest of Neotropical forest mammals. In: ROBINSON J. G.; REDFORD, K. H. (Ed.). **Neotropical wildlife use and conservation**. University of Chicago Press, Chicago, p. 415–429, 1991

ROOSEVELT, A. C. The Amazon and the Anthropocene: 13,000 years of human influence in a tropical rainforest. **Anthropocene**, n. 4, p. 69–87, 2014.

SHEPARD, G. H. **Relatório preliminar sobre sítio arqueológico e cemitério indígena na Reserva Amanã**. 1º Superintendência do IPHAN, Manaus. 2001. Inédito.

SHEPARD, G. H.; RAMIREZ, H. “Made in Brazil”: Human dispersal of the brazil nut (*Bertholletia excelsa*, Lecythidaceae) in ancient Amazônia. **Economic Botany**, n. 65, p. 44–65, 2011.

SHOCK, M. P. *et al.* Initial contributions of charred plant remains from archaeological sites in the Amazon to reconstructions of historical ecology. In: ROSTAIN, S. **Antes de Orellana**: Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica. Quito: IFEA, 2014. p. 291–296.

SILVA, Maurício André. **Memórias e Histórias no sudoeste amazônico**: o Museu Regional de Arqueologia de Rondônia. 221 f. Dissertação (Mestrado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVEIRA, F. L. A. D.; BEZERRA, M. Educação Patrimonial: perspectivas e dilemas. In: ECKERT, C.; FILHO, M. L.; BELTRÃO, J. M. F. **Antropologia e Patrimônio Cultural**: diálogos e desafios contemporâneos. Florianópolis: Nova Letra, ABA, Fundação Ford, 2007. p. 11–21.

STEWARD, J. Culture areas of the tropical rainforest. In: STEWARD, J. **Handbook of South American Indians**. Washington: Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution, v. III, p. 883–903, 1948.

TAMANAHÁ, E. K. **Ocupação Polícroma no baixo e médio rio Solimões, estado do Amazonas**. 247 f. São Paulo: Dissertação (Mestrado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2012.

TAMANAHÁ, E. K.; NEVES, E. G. 800 anos de ocupação da Tradição Polícroma da Amazônia: um panorama histórico no Baixo Rio Solimões. **Anuário Antropológico**, Brasília, UnB, v. 39, n. 2, p. 45–67, 2014.

SHEPARD, G. H. *et al.* Levantamento de sítios arqueológicos nos lagos Jutica e Caiambé, município de Tefé/AM. **Cadernos do LEPAARQ**, Pelotas, v. XII, n. 23, p. 190–221, 2015.

TAUSSIG, M. **Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem**: um estudo sobre o terror e a cura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

VIDAL, S. M. Kuwé Duwákalumi: The Arawak Sacred Routes of migration, trade and resistance. **Ethnohistory**, v. 47, n. 3–4, p. 635–667, 2000.

WEINSTEIN, B. **A borracha na Amazônia**: Expansão e Decadência (1850–1920). São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1993.